

EDUARDA VASCONCELOS

«O Primeiro de Janeiro» – Como é que foi o seu percurso a nível pedagógico?

Ana Sério – Entrei na Faculdade no Porto, na Faculdade de Belas Artes na área de pintura, em 1995, onde frequentei apenas o primeiro ano. Depois pedi transferência para Lisboa onde concluí o o curso. Entretanto, e durante o período em que estava na faculdade, fui concorrendo a vários concursos, umas coisas pequenas que a própria faculdade organizava, escolhendo alguns elementos para participar. Participei, por exemplo, numa pintura mural que fizemos na Expo 98, que se intitulava "O Mar".

«PJ» – De onde surgiu esta vontade de pintar? Considera que foi algo hereditário, estimulado pela sua família ou antes uma paixão natural e espontânea?

A.S. – Não foi directamente transmitido pela família. O meu pai gosta de pintura e tem jeito para o desenho, mas está numa área completamente diferente. Acho que este gosto nasceu comigo. Desde pequenina, eu adorava fazer desenhos e pintar aquarelas. O prazer que tinha em pintar foi crescendo e manifestando-se ao longo dos anos e acho que foi o que me levou a enveredar por este meio.

«PJ» – De certa forma este tipo de prémios são uma motivação. Acha que o facto de ter ganho o Prémio de Pintura João Barata lhe pode dar outro reconhecimento?

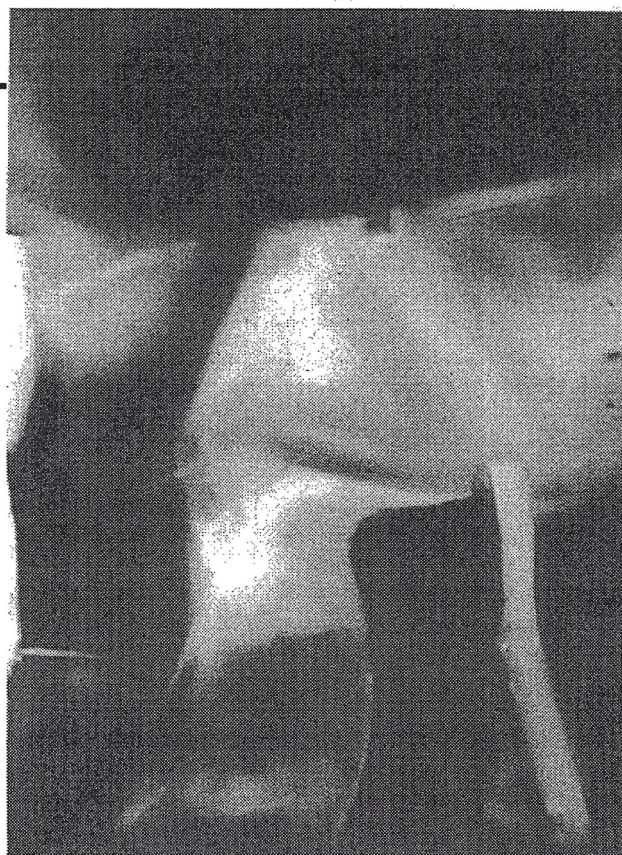
A.S. – Acho que este prémio, realmente, pode abrir-me algumas portas e é sempre uma motivação muito grande recebê-los. É sinal que alguém reconhece o nosso trabalho. Agora, não é por ter ganho o Prémio de Pintura João Barata que vou passar a ser mais conhecida, mas obviamente que contribui, pode ser um começo...

«PJ» – E ajuda a divulgar um bocadinho mais o seu trabalho...

A.S. – Exacto. Abre obviamente muitas portas, ajuda-nos muito a dar a conhecer aos outros aquilo que nós fazemos, que nos dá prazer fazer. É sempre bom partilhar o nosso trabalho. Quer se queira, quer não, a verdade é que em qualquer currículo dão sempre muito valor aos prémios.

«PJ» – Esta foi a sua primeira exposição individual?

A.S. – Sim. Anteriormente já tinha participado em diversas exposições, mas todas elas colectivas. Além do prémio monetário, faz também parte do prémio a possibilidade de expor individualmente, o que foi uma experiência ótima. Neste meio, a exposição individual é sempre uma meta a atingir e quando se consegue, como foi o meu caso, é muito bom e estimulante.



Pintura feliz

Ana Sério é uma jovem pintora que busca através de uma linguagem universal – a pintura – transmitir emoções que, muitas vezes, as palavras não são capazes de pronunciar. Licenciada em Pintura na Faculdade de Belas Artes, Universidade de Lisboa, com especialização em Gravura, foi a vencedora do "Prémio de Pintura João Barata" 2000. Pintura Feliz é a expressão que melhor caracteriza as atitudes da autora face à sua obra. É essencialmente uma pintura abstracta, com muita precisão, uma pintura apresentativa e não representativa, pois as figuras-formas estão bem presentes e visíveis. Toda a sua pintura espelha de uma forma nítida e sincera a personalidade da pintora Ana Sério.



«PJ» – Sentiu muitas dificuldades ao longo do seu percurso, nomeadamente a nível de apolos a este tipo de arte?

A.S. – É como em tudo. Há coisas boas e coisas más, fáceis e mais difíceis, encontra-se de tudo como já referi. A ideia que se tem é que o meio da pintura é um bocado fechado, onde é complicado entrar. Agora não vou dizer que não senti dificuldades, porque senti-as. No entanto, hoje em dia este meio é um bocadinho mais alargado e maior do que era há uns anos atrás.

«PJ» – Mas ainda assim, não é suficientemente aberto?

A.S. – Sim, ainda é um bocadinho fechado. O que é mais difícil é entrar neste meio. A partir do momento em que se está lá, as coisas facilitam-se muito. Portanto, o que é realmente difícil é entrar mesmo no mercado, ter uma galeria que nos apoie, que nos promova. Depois tudo corre naturalmente. Há trabalhos bons e maus, mas há sempre uma saída. O complicado é alguém acreditar em nós e no nosso trabalho. E muito sinceramente acho que há pessoas que também não lutam para chegar onde realmente querem e isto é um obstáculo. As que lutam já estão no mercado, ou pelo menos a maior parte, mas há muitos jovens artistas que não lutam, desistem, talvez porque desmotivam, não sei...

«PJ» – Qual o seu estado de espírito enquanto pinta?

A.S. – Depende muito, mas a maior parte das vezes estou em depressão. Quando eu gosto mais de pintar é quando estou mais calma e mais estável. Com este estado de espírito as coisas correm melhor. Acho que a minha pintura não é uma pintura triste, bem pelo contrário, é uma pintura feliz. Se eu estiver triste, acabo sempre por representar uma certa agressividade, que não quero. Então, normalmente estou estável, quer emocionalmente, quer em outros aspectos. Portanto, entro num estado de depressão, porque a tela não me está a correr bem, é como se entrasse mesmo numa luta com ela, fico irritada, zango-me...

«PJ» – Geralmente o que é que costuma pintar? O que é que realmente a inspira?

A.S. – É um bocado difícil de explicar... Acho que o meu trabalho é muito pessoal, faço bastante referência aos vários aspectos relacionados com a vida, situações que me surgem. Representa um pouco a minha maneira de ver as coisas. Inspiro-me essencialmente nas imagens que são reais. A maior parte do trabalho, a tela e tudo o que envolve a pintura é um trabalho meu. Mas inspiro-me muitas

vezes em coisas reais, como fotografias. Faço um esboço a preto e branco, outras vezes a cores. Só depois do esboço é que faço a tela, que às vezes é um processo um bocadinho longo. Digamos que o meu trabalho é um trabalho de apresentação, para as pessoas imaginarem a partir do que está na tela e sentirem. Não é um trabalho muito intelectual, ou seja, abstracto, porque eu também não sou assim...

